

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

GABRIELA RIBEIRO DA SILVA

**MITO NÓRDICO E A CONSTITUIÇÃO DO REAL
SEGUNDO ERNST CASSIRER**

João Pessoa – PB

2020

Gabriela Ribeiro da Silva

MITO NÓRDICO E A CONSTITUIÇÃO DO REAL SEGUNDO ERNST CASSIRER

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso de
Licenciatura em Filosofia da Universidade
Federal da Paraíba como parte dos
requisitos necessários para obtenção do
grau de Bacharelado em Filosofia.

Profº. Orientador: Prof. Dr. Abrahão Costa Andrade

João Pessoa – PB

2020

GABRIELA RIBEIRO DA SILVA

MITO NÓRDICO E A CONSTITUIÇÃO DO REAL SEGUNDO ERNST CASSIRER

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso de
Licenciatura em Filosofia da Universidade
Federal da Paraíba como parte dos
requisitos necessários para obtenção do
grau de Bacharelado em Filosofia.

Aprovada em: _____ de _____ de _____.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Abrahão Costa Andrade – DF/UFPB
(Orientador)

Prof. – /UFPB
(Examinador)

Prof^a. Ana Thereza de Miranda Cordeiro Durmaier – DF/UFPB
(Examinadora)

*Dedico este trabalho aos meus pais:
Djalma Ribeiro e Rachel Ribeiro que
foram meu suporte em toda minha
existência.*

*Dedico também ao amor da minha vida,
Jardel Cavalcante, que segurou minha
mão todas as vezes que achei que fosse
sucumbir ao desespero.*

AGRADECIMENTOS

Um agradecimento especial à UFPB que me proporcionou dias felizes, árduos e, acima de tudo, inspiradores.

Agradeço ao meu amigo Victor Lima, sem ele eu não estaria nem perto da conclusão do curso, por todo apoio e informação trocada durante esses anos juntos. Cada risada e momento de descontração foram preciosos e reconfortantes nos dias de tensão estudantil. Ao meu amigo mais incomum, Salomão Xavier, obrigada pela obra complementar deste trabalho e todas as conversas cheias de alto astral que aliviaram o processo deste labor. Aos queridos, Francisco Lopes, Ana Paula Marcelino, Fellipe Barnabé, Raiana Amaro, Joallison Moreira que fizeram a socialização universitária valer a pena.

À professora Ana Thereza por me indicar uma direção ao sugerir a obra que deu alma aos interesses do meu trabalho. Ao professor Abah Andrade por ter me salvado na reta final e me mostrado que tudo é possível aos que têm fôlego. Ao professor Giovanni Queiroz (*in memoriam*) que, com sua alegria, formalizou meu sentimento de que estava no caminho certo. Aos demais professores, que compõem o corpo docente do departamento de Filosofia da UFPB, os quais me proporcionaram riquíssimas informações que não só cooperaram para o crescimento de meu acervo intelectual, como também, para a minha formação pessoal e espiritual.

Ao meu pai Djalma que foi o melhor em todos os aspectos, principalmente neste momento tão importante para mim, que é a formação acadêmica. À surreal Rachel Ribeiro, o exemplo de mulher mais incrível que eu aprendi a seguir e seguirei em todos os meus dias. Aos meus irmãos, Matheus Ribeiro e Wesley Rodrigues, que me proporcionaram os lazeres mais diversos nos períodos de férias durante todos esses anos. A Jardel Cavalcante meu companheiro de jornada desde o início, obrigada por ser esta pessoa parceira e prestativa.

Aos melhores amigos que eu poderia ter, Letícia, Ricardo, Hellen, Deivyd, Gabriel Martins, Gilson Roberto, Ingrid Macedo por serem a alegria dos meus dias nublados.

Por último, ao ser mais encantador desse mundo todo, Frederico, agradeço por ser meu amuleto da sorte todos os dias, trazendo carinho e amor à todos.

Que haja uma Luz nos lugares mais escuros, quando todas as outras Luzes se apagarem.

J. R. R. Tolkien, in: O Senhor dos Anéis.

O Mito propriamente dito de fato possui uma natureza incomparável. É dinâmico, dotado de poder, e intervém na vida plasmando-a!

Walter F. Otto, in: Teofania.

SUMÁRIO

RESUMO.....	9
INTRODUÇÃO.....	10
2 A MITOLOGIA NÓRDICA E O PENSAMENTO DO HOMEM ESCANDINAVO....	12
2.1 <i>Prelúdio mítico.....</i>	12
2.2 <i>O mito nórdico e sua conexão com a realidade.....</i>	15
2.3 <i>As conexões e influências que estruturaram a religião nórdica</i>	17
3 MITO E CONSTITUIÇÃO DO REAL SEGUNDO ERNST CASSIRER.....	20
3.1 <i>As divindades, a linguagem e o Ser.....</i>	22
3.2 <i>O problema da ilusão causada pelo mito.....</i>	25
4 A METÁFORA DAS PARTES DE UM TODO APLICADA AO MITO NÓRDICO E REFLETIDA NA REALIDADE.....	29
4.1 <i>A manifestação do real através da palavra e imagem míticas.....</i>	33
5 CONCLUSÃO.....	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	39

RESUMO: A busca para compreender as maneiras de manifestação da realidade, com o intuito de posicionar o homem em seu meio e a significação dos fenômenos, a partir de sua apreensão, levaram a inúmeras análises e críticas, entre elas a obra de Ernst Cassirer, *Linguagem e Mito*. As formas simbólicas, objeto de estudo de Cassirer, englobam de maneira clara que existe uma diversidade de métodos e modelos os quais são fontes de conhecimento a respeito da realidade. O mito é uma das formas simbólicas que proporciona assimilação das maneiras que o real se apresenta. A mitologia nórdica, é apresentada como um sistema exemplar de como o universo mítico se enlaça com a formação da síntese do Ser e conseqüentemente da realidade.

Palavras-chave: Mito Nórdico; Linguagem; Realidade; Particular; Universal.

ABSTRACT: The search to understand the ways of how reality manifests, with its purpose to put man in his environment and the significance of the phenomena, starting from his apprehension, has taken to several analysis and criticism, among them the work of Ernst Cassirer, *Language and Myth*. The symbolic forms, Cassirer's study object, include clearly that there is a diversity of methods and models which are a source of knowledge about reality. The myth is one of the symbolic forms which provides absorption of the ways the real presents itself. Norse mythology is introduced as an exemplary system of how the mythical universe gets involved with the synthesis formation of the existence and hence the reality.

Key words: Norse Myth; Language; Reality; Particular; Universal.

INTRODUÇÃO

O objetivo desta monografia é estudar as formas simbólicas do mito nórdico por meio da representação da estrutura da Fenomenologia do conhecimento de Ernst Cassirer. Fundamentado a partir de uma filosofia da cultura neokantiana, do conhecimento religioso-mítico e antropológico, o pensador Ernst Cassirer permite que este trabalho possibilite uma demonstração de como se desenvolve a relação humana a partir do desconhecido divino ao conceito de Ser, ainda que rudimentar quando comparado à filosofia ocidental. É sabido que em todas as épocas o homem apontou para o lado transcendente, isto é, aquilo que não se encontra dado no mundo material. Povos constituíram a si divindades que podiam dar meios para uma compreensão imaginativa do mundo e sua própria existência. Não sendo uma exceção à regra, a mitologia nórdica surge como modelo de criação de conhecimento — em forma simbólica — a respeito da formação do pensamento cosmológico, conseqüentemente, da própria realidade.

Ernst Cassirer, em *Linguagem e Mito*, desenvolve uma pesquisa acerca do mito explicando como ocorre essa relação entre mito e conhecimento da realidade. A obra de Johnni Langer, *O Dicionário de Mitologia Nórdica*, trouxe muitos exemplos práticos da relação do homem escandinavo com o conhecimento e estruturação do ambiente social, que foram utilizados neste trabalho como ponte entre o método da metáfora das partes de um todo, que Cassirer apresenta como a principal formação de conhecimento a partir da adoção das formas simbólicas como fonte formadora da visão de mundo humana. Walter Otto, em sua obra *Teofania*, acrescentou a este trabalho, apesar de ser uma obra voltada aos mitos gregos, específicas falas que compõem a ideia do mito como germe do entendimento de todas as coisas. A divindade é explorada aqui como a formalização do Ser a partir da experiência primordial do homem para com o mundo.

A partir dessas pesquisas, o primeiro capítulo procura demonstrar as apreensões do mundo real pelo povo escandinavo e sua formação mitológica que culmina em toda a sua estruturação social e intelectual.

No segundo capítulo, tratamos do mito como uma das formas simbólicas, uma atividade espiritual que possibilita uma edificação do mundo através da percepção e designação das coisas. Explorando a conexão do mito com a linguagem enquanto essenciais à construção da identidade do Ser. E, finalmente, apresentamos a solução cassiriana do problema acerca do desmerecimento do mito como fonte de conhecimento.

O último capítulo propõe expor a solução cassiriana do problema do mito com a formação da visão de mundo. Trazendo a diversidade das partes, estas apreendidas nas múltiplas relações humanas com a realidade em vista do universal-unificado. Descreve-se, por fim, o mito nórdico como uma possibilidade de construção sintética do real a partir do imaginário fantástico da cultura.

2 A MITOLOGIA NÓRDICA E O PENSAMENTO DO HOMEM ESCANDINAVO

O fascínio do homem em querer compreender a sua origem e destino final são observados, de modo geral, em todos os tempos. Partindo de uma curiosidade focada em buscar um fundamento para todas as coisas, o homem, ao se deparar com a indagação de seu surgimento e finalidade, muitas vezes utilizou do fantástico criado por sua mente para justificar suas relações com o mundo. Através da utilização do imaginário originaram-se histórias que ansiavam por saciar a dúvida a respeito do novo, e com isso, criou-se “formas teóricas”, que buscavam embasar as reflexões do homem.

Uma dessas “formas teóricas” seria a mitologia nórdica, exemplificadora deste trabalho, que se originou no interesse em descrever o desconhecido desembocando numa trama fantasiosa. Numa cultura totalmente vinculada na relação do povo para com suas divindades, eles situavam todas as suas atividades integradas aos seus ritos divinos. Ao deparar-se com a lacuna que era o propósito e o destino do homem, a população escandinava, durante a Era Viking, elaborou então uma “tese” do que seria o destino do homem e do mundo.

2.1. PRELÚDIO MÍTICO

A cultura escandinava é enriquecida por crenças fabulosas, que compunham o ideal social baseado em práticas de magia, ritos e disseminação do enredo humano atrelado ao desenrolar mítico da existência das divindades por eles cultuados. A execução de bruxaria e encantamentos eram recorrentes. A natureza era a principal fonte dos materiais para a elaboração das atividades relacionadas à magia e os ritos tendo visto que, de acordo com a crença nórdica, os mundos eram todos conectados, logo, extrair ingredientes diretamente de uma fonte de poder que estaria conectada com todos os mundos existentes permitiria acessar este poder.

De acordo com a crença nórdica, existem 9 reinos que estão distribuídos na Yggdrasill, que já fora apresentada por pesquisadores de Etnoastronomia como sendo a representação nórdica da Via Láctea, são estes: Asgard a morada dos

deuses, Midgard a morada dos homens, Muspelheim a morada dos gigantes de fogo que reina o gigante Surtr, Alfheim a morada dos elfos, Vanaheim a morada dos deuses Vanir, Niflheim o mundo do gelo, Jotunheim a morada dos gigantes, Svártalfheim a morada dos anões e Helheim o destino dos mortos desonestos.

O reino de Midgard, que é o dos homens, se conecta através da Bifrost com o reino de Asgard. Percebemos aqui então, que existe sim uma conexão direta entre os deuses e os homens, que é demonstrada na relação entre eles. É uma relação de troca de favores, semelhante a uma amizade. O surgimento dos humanos origina-se a partir do poder dos deuses e o fim deles também.

O fim dos tempos em Midgard ocorrerá quando a morte dos deuses acontecer. O Ragnarök é traduzido como “consumação dos deuses”, este acontecimento é descrito por etapas e todo envolto em consequências terrenas diante aos feitos divinos.

43. Garmr ladra alto/perante Gnipahellir,/o grilhão será arrebitado/o lobo escapará./Muito conhecimento/ela sabe/mas à frente eu vejo/pelo Ragnarøk/violento dos deuses da batalha. (Völuspá, Verso 43)

O início do Ragnarök ocorre quando após algumas catástrofes naturais um rigoroso inverno inicia, conhecido como Fimbulwinter. O desespero causado pelo frio intenso desencadeará em uma onda de pecado e discórdia culminando em mortes e selvageria entre os homens.

44. Irmãos irão lutar entre si/e irão matar entre si,/filhos de irmãs vão/quebrar a parentela;/haverá dificuldade no mundo,muito adultério,/era do machado, era da espada,/escudos serão partidos,/era do vento, era do lobo,/antes do mundo se afundar;/nenhum homem irá/poupar outro. (Völuspá, Verso 44)

O lobo Skól devorará o sol e o frio ficará ainda pior. O triunfo de Skól sobre Sól (deus solar) seria o marco para os filhos de Loki, Fenrir o grande lobo e Jörmungandr a serpente do mundo atacarem o mundo dos homens. Os deuses e os Einherjar, exército formado pelos melhores guerreiros humanos mortos em batalha, viriam combatê-los. Loki juntamente com os gigantes Surtr o gigante de fogo e Hýmir o líder do exército dos gigante de gelo, também chegariam ao local de batalha. Bifrost será destruída pelo gigante de fogo.

No decorrer da batalha, o deus Thor matará a serpente do mundo e morrerá pelo veneno dela após caminhar apenas 9 passos, Odin será engolido e morto por Fenrir, o filho de Odin, Vídarr vingará seu pai matando Fenrir. O gigante Surtr incendiará toda a terra destruindo tudo e todos. O mar apagará o incêndio e tomará toda a terra:

[...]o filho de Óðinn avança/para a serpente matar,/atacou ele com ira/o defensor de Miðgarðr/-todos os homens vão abandonar os lares-/andou nove passos/a criança de Fjörgyn/debilitada pela serpente/que não temeu a vergonha. (Völuspá, Verso 54)

Posteriormente, as águas recuarão e a terra aparecerá fértil. O casal Lif e Lífthrasir sobreviverá ao incêndio de Surtr se escondendo no Bosque de Hoddmimir e se alimentarão do orvalho da manhã. Os filhos de Odin, Vali e Vídarr também sobreviverão, assim como os filhos de Thor, Módi e Magni. Serão estes responsáveis pelo povoamento do novo universo e iniciarão um novo ciclo cósmico:

57.Ela vê se erguer/uma segunda vez/terra do oceano/novamente verde;/as cachoeiras fluem,/acima uma águia voa,/que sobre a montanha/procura peixe. (Völuspá, Verso 57)

A Völuspá narra todo este acontecimento apocalíptico, pelo fato de ser um poema profético é propagado por gerações na sociedade escandinava e a crença sobre o Ragnarök é seguida e pregada nas diversas tribos nórdicas. Juntamente com os demais poemas que configuram o *Codex Regius*, a Völuspá, embasa o comportamento social nórdico, possibilitando o desenvolvimento de diversos contos que surgem a partir dos acontecimentos diários e conectam o mundo imaginário do mito à realidade.

O poeta Snorri Sturluson ansiando facilitar o aprendizado das novas gerações, organizou os poemas éddicos em uma obra conhecida como Edda em Prosa. A leitura da Edda de Snorri é mais leve e prática possibilitando uma compreensão maior e produzindo um cenário imaginário mais robusto, tendo visto que a narrativa é um aproveitamento direto da Völuspá a fim de tornar mais acessível o enredo mitológico escandinavo.

2.2 O MITO NÓRDICO E SUA CONEXÃO COM A REALIDADE

Baseado na poesia éddica (*poesia nórdica antiga*), em especial na *Völuspá* que se encontra no *Codex Regius*, ocorre a aparição da palavra Ragnarök que significa “consumação dos destinos dos poderes supremos”, com a cultura e tradição baseados em divindades, nada mais comum para este povo do que apoiar seu destino em um acontecimento divino. O poema islandês, datado aproximadamente no ano 1000, é dividido entre passado, presente e o futuro que se desemboca no Ragnarök.

As relações transcendentais do mito com a população nórdica não se deram pura e simplesmente ao acaso. A partir de observações, até acuradas, de eventos astronômicos que ocorreram na época, intuíram que grande parte da composição dos acontecimentos narrados no Ragnarök foram desenvolvidos a partir de episódios naturais de maior relevância, os quais se apresentaram de forma distinta do comum, conforme a exposição abaixo:

Nossa pesquisa mais recente vem demonstrando que a grande quantidade de narrativas e imagens do Ragnarök durante o século X pode ter sido ocasionada por eventos astronômicos ocorridos durante os séculos VIII e IX. (LANGER, 2015, p.395)¹

Um enredo nórdico que demonstra a maneira deles de consolidar suas bases mitológicas a partir dessas observações do real, é o conto do lobos Sköll e Hati. Eles são filhos de Fenrir, que por sua vez é filho de Loki. Sköll persegue os cavalos que puxam a carruagem que leva à deusa Sól, que no caso é sua presa; Hati tem como presa a lua, que é o deus Máni, irmão da deusa Sól, então, quando ambos alcançam suas presas se inicia o Ragnarök, pois eles devoram o sol e a lua, respectivamente. Para Rudolf Simek, um filólogo austríaco especializado em literatura germânica antiga e do paganismo nórdico, Fenrir, Skoll e Hati são nomes

¹ Foi forçoso corrigir a sintaxe da citação devido a problemas com concordância.

diferentes para a mesma entidade. A história surgiu pela observação de um conjunto de estrelas, bem evidentes no período, que formavam um “V” semelhante a boca de um lobo em direção à lua, o que facilmente fertilizaria um mito envolvendo lobos e as divindades que já eram cultuadas na época, assim:

Partindo da ideia criada por Otto Siegfried Reuter em 1934 e seguida por Jonas Persson, consideramos que o aglomerado das Híades (constelação do Touro) foi interpretado pelos nórdicos pré-cristãos como sendo o asterismo da boca do lobo: trata-se de um conjunto de estrelas brilhantes que formam um v oblíquo em redor da estrela Aldebarã. Ao analisarmos a ocorrência de dez eclipses solares e lunares durante a Alta Idade Média (visíveis na Escandinávia), constatamos que nove destes fenômenos ocorridos entre 713 e 894 d.C. estiveram próximos do aglomerado das Híades. No caso dos eclipses totais do Sol, que transcorreram de dia, durante quase dez minutos o aglomerado foi visível (no momento da totalidade, quando o céu fica escuro), e no caso de eclipse da lua foi visível durante quase toda a noite. Além disso, também as passagens de grandes cometas (como Halley em 837 e 912) estiveram próximas do asterismo da boca do lobo. (LANGER, 2015, p.180).

O folclore lupino é fomentado por esta observação astrológica, unida aos escritos poéticos que baseiam a religião escandinava. Os referenciais apocalípticos relacionados a destruição da lua e do sol são encontrados na Völuspá, como visto nos versos abaixo:

39. No Leste sentou a velha/ em Járnvíðre/ali pariu/a descendência de Fenrir;/entre eles todos será/um certo destruidor da lua/em pele de troll.
 40. Se satisfez das vidas/de homens malfadados,/pintou a morada dos Poderes/com o sangue vermelho;/Negro a luz de Sól no/verão seguinte,/o clima plenamente violento./Queres saber mais – e o que? (Völuspá, verso 39 e 40)

Toda a construção do final dos tempos na mitologia germânica tem relação com catástrofes naturais, estas eram comuns à região — inverno com frio extremo, infertilidade das terras, com a morte das divindades principais de sua religião —, exaltando, assim, o extremo apreço pela religiosidade nativa. O inverno rigoroso foi atribuído a uma das etapas do Ragnarök, que ganha um nome específico, Fimbulvetr (*Fimbulwinter*, em dinamarquês, norueguês e sueco), com uma duração determinada de três anos ininterruptos. Característica que o diferencia de outros invernos, logo a associação de um fato comum ao cotidiano escandinavo, o frio, o

prejuízo que esse fato trazia para a comunidade em decorrência de seus efeitos nas plantações e bem estar do povo, fez-se aparecer na escatologia nórdica de modo totalmente aceitável e propício, cooperando com a criação das etapas da trama do Ragnarök:

Em 2013, o arqueólogo Neil Price apresentou uma pesquisa apontando eventos geoclimáticos (como consequência de uma erupção vulcânica em 536) como ocasionadores da tradição ragnarokiana (especialmente o *Fimbulwinter*), mas ocorridas durante o século VI. (LANGER, 2015, p.395)

Após o longo inverno, ocorre a batalha dos deuses contra os gigantes advindos do caos primordial, onde vemos a representação dos deuses como controladores da ordem cósmica, semelhante ao Demiurgo de Platão². A luta entre eles culmina num grande incêndio e posteriormente a terra seria engolida pelo mar, semelhante ao dilúvio bíblico, então numa espécie de renascimento após os acontecimentos do fim dos tempos o mundo surgiria com terras férteis, que eram o maior desejo do povo nórdico, pois terras férteis significam saúde, fartura e era algo que eles não tinham acesso, e Midgard (terra) seria repovoado por Líf e Lífthrasir.

2.3 AS CONEXÕES E INFLUÊNCIAS QUE ESTRUTURAM A RELIGIÃO NÓRDICA

As várias semelhanças com as histórias narradas nas escrituras sagradas cristãs, além de elementos do Ragnarök que sofreram clara influência de pagãos cristianizados, mas que não queriam abandonar totalmente suas crenças tradicionais. Outrossim, foi procurado um meio termo pelos nórdicos de seguir o cristianismo e conservar a sua mitologia, como fica claro no excerto:

² É o princípio divino organizador do cosmo, citado no diálogo de Timeu-Crítias, que a partir de sua singularidade transforma e ordena o universo, que estava imerso no Caos, a partir de um ideal de perfeição e eternidade. (PLATÃO. *Timeu - Crítias - O Segundo Alcebiades - Hípias Menor*. 1ªEd. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2001.)

Em um dos seus livros mais famosos, Hilda Davidson admitia os efeitos da visão de fim de mundo bíblico sobre o imaginário nórdico durante os séculos X e XI e na composição da *Völuspá*, mas insiste em um fundo originariamente pagão. (LANGER, 2015, p.394).

Nos poemas, que se referem ao fim dos tempos na mitologia escandinava, percebe-se igualmente a presença influente da cultura hindu, detectada por George Dumézil e catalogada no *Dicionário de Mitologia Nórdica* de Johnni Langer. É perceptível, com efeito, uma mescla de características do dia-a-dia da civilização escandinava, citamo-las: o receio do frio extremo, referências cristãs, o povoamento da terra a partir de um casal de origem mítica e uma árvore que baseia todo o enredo religioso, semelhante à *Yggdrasill*, hindus e de acontecimentos naturais como o posicionamento de estrelas e aparições cósmicas da época.

E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente. (BÍBLIA, Gênesis 2,7)

Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu; e tomou uma das suas costelas, e cerrou a carne em seu lugar; E da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher, e trouxe-a a Adão. (BÍBLIA, Gênesis 2,21,22)

E o Senhor Deus fez brotar da terra toda a árvore agradável à vista, e boa para comida; e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (BÍBLIA, Gênesis 2,9)

A relação da sociedade nórdica com seus mitos é intrínseca à sua estrutura. Não usufruindo de terras férteis, a comunidade escandinava sobrevive de saques e de invasões às regiões com melhores condições produtivas. Mesmo após conquistarem diversas terras que diminuiriam os receios da falta de alimento, os guerreiros nórdicos ainda ansiavam por batalhas épicas, pois sua religião lhes prometia que a morte em disputas os levaria à Valhalla e desfrutariam de longos dias de banquetes, lutas e belas mulheres, além de os guerreiros escolhidos seguirem para Valhalla seriam levados diretamente pelas Valquírias enviadas por

Odin que comporiam o exército cujas forças lutariam contra o caos primordial citado anteriormente. Para fins didáticos, eis uma exposição do professor Langer:

Dentro do Valhalla, os guerreiros eleitos são sustentados pelo hidromel provindo de uma cabra (Heidrún) e da carne de um javali mágico (Saehrímir). No Valhalla, a alimentação exclusiva de Odin é o vinho. Segundo o poema éddico Vafthrúdnismál 41, os einherjar matam-se mutuamente de dia, como treinamento e preparação para o Ragnarök, e durante a noite renascem e festejam todos juntos. (LANGER, 2015, p.533).

Assim, mesmo que alcançassem seus objetivos que eram saciar as necessidades de sua população, a sombra de sua mitologia os perseguia para a busca de algo além da vida. Existia assim uma lugar especial para estes guerreiros, conhecidos como *einherjar*, visto que quanto maiores os feitos em batalha maior a chance de serem alcançados pelas Valquírias e lutarem lado a lado com os deuses que tanto admiravam.

Seus comportamentos, suas construções, sua alimentação, suas festividades, toda e qualquer relação do homem para com o mundo era baseada em uma boa relação com suas divindades, logo, com suas crenças. Orações para os deuses específicos os faziam crer que obteriam a vitória sobre seu inimigo, certos tipos de atividades só poderiam ser concretizadas em tal período, pois a divindade se agradaria. Sacrifícios fundamentados na história que se contava sobre a divindade específica, a quantidade de elementos de um ritual eram referentes aos números que apareciam nas histórias de determinado deus, como por exemplo o Encantamento das Nove Ervas³, porque cria-se na ideia de que desta maneira efetuar-se-ia a atividade promulgada após o rito.

³ Consiste em um unguento, ungido por encantamento, com o intuito de combater doenças e envenenamentos. A numerologia representa bem a superstição pagã germânica. São nove ervas, número repetido várias vezes em todas escrituras histórico-mitológicas nórdicas, onde o encantamento de 73 versos deve ser recitado três vezes em cada erva, pois só assim a cura seria alcançada. (LANGER, 2015, p. 156)

3. MITO E CONSTITUIÇÃO DO REAL SEGUNDO ERNST CASSIRER

Todas as interações humanas, para Ernst Cassirer, são um meio de apreensão e uma possibilidade de conhecimento. A arte, a religião, o mito, a linguagem, história e a ciência são abordados por ele como formas simbólicas, que permitem que o homem elabore uma cosmovisão, possibilitando a progressão de uma interação empírica primordial para um conhecimento da realidade. A fenomenologia do conhecimento, proposta na obra *Filosofia das Formas simbólicas*, permite que toda apreensão humana seja encaixada ao sentido de conhecimento formador do mundo.

Não havendo uma superioridade entre as maneiras de apreensão, que no caso são as formas simbólicas, Cassirer buscou entendê-las em sua finalidade, que é a formalização da realidade através da conexão do homem e o mundo. Conforme o comentador Rosenfeld⁴:

Assim, a filosofia das formas simbólicas 'não pretende estabelecer, de antemão, determinada teoria dogmática da essência dos objetos e de suas propriedades básicas, mas visa a apreender e descrever, ao contrário, mercê de trabalho paciente e crítico, os modos de objetivação que caracterizam a arte, a religião, a ciência' sobretudo porém, a linguagem e o mito. (CASSIRER, 1992, p.13).

O mito nórdico se encaixa como uma modo de apreensão rica em interação com a natureza e seus fenômenos. A compreensão, do homem escandinavo, acerca da realidade em seu entorno surgiu a partir de experiências do seu cotidiano, provocando o que Cassirer nomeou de “atividade espiritual que possibilita uma edificação do ‘mundo’ na sua configuração característica, na sua ordem e no seu ‘ser-assim’” (CASSIRER, 1992 p.12). A transição de uma atividade espiritual para uma edificação de um mundo social acontece no momento em que o homem se utiliza a linguagem, através da nomeação das divindades míticas que uma

⁴ Anatol Rosenfeld introduz alguns comentários no prefácio à edição brasileira de 1992, a qual está presente nas referências bibliográficas deste trabalho.

identidade é formada, para constituir um pensamento propriamente dito. De acordo com Ernst:

Tudo aquilo que no próprio mito é *intuição imediata* e convicção vivida, ela converte num postulado do pensar reflexivo para a ciência da mitologia; ela eleva, em sua própria esfera, ao nível de exigência metodológica a íntima relação entre o nome e a coisa, e sua latente identidade. (CASSIRER, 1992, p.17, *grifo nosso*).

Assim, a linguagem, para Cassirer, é o que torna o mito possível, somente após a nomeação das deidades aparecem termos e expressões, que unidas à identidade do deus, cuja personalidade é desenvolvida e um nome é atribuído, ocorre a formulação de conceitos. A partir do momento em que as divindades são nomeadas, elas são personificadas, com a possibilidade de serem adoradas e evocadas, cultivando, assim, uma realidade objetiva própria, a qual pertence à forma simbólica dos mitos.

O mito servia como fonte primária de informações para o homem, que o permitia compor seu campo imaginativo. O folclore viking é rico em dados minuciosos oriundos de sua relação com os acontecimentos naturais recorrentes em sua época, como os fenômenos astronômicos e climáticos. Constituindo, portanto, a simbolização da divindade que, não sendo o próprio simbolizado, seu referente, é a parte fundamental que estrutura toda a atividade humana. Percebemos já nos comentários à edição de 1992 da obra de Cassirer:

Concomitantemente, Cassirer esboçou, com esta obra, as bases de uma antropologia filosófica e filosofia da cultura, cuja unidade reside na atividade simbolizante do homem; unidade, todavia que é dialética, coexistência funcional de contrários, em virtude da 'multiplicidade e da poliformia das partes constituintes', tais como mito, língua, arte, religião, história e ciência. (CASSIRER, 1992, p.13)

Outrossim, as atividades cotidianas do homem, inclusive a formação de uma estrutura linguística, estão de alguma forma interligadas ao universo do mito e da religião. Cassirer, em seu estudo das formas simbólicas, associa o decorrer do desenvolvimento das sociedades humanas ao surgimento de todas as coisas que se dão a partir da designação e geralmente provinham dos nomes das entidades míticas e das relações do homem com seus mitos.

Este vínculo originário entre a consciência linguística e a mítico-religiosa expressa-se, sobretudo, no fato de que todas as formações verbais aparecem outrossim como entidades míticas, providas de determinados poderes míticos, e de que a Palavra se converte numa espécie de arquipotência, onde radica todo o ser e todo acontecer. (CASSIRER, 1992, p.64)

Na prática da magia na sociedade escandinava, um encantamento específico chamado *Galdr* destaca como os nomes para um povo que baseia sua vivência em sua mitologia eram constituídos. Utilizando-os como exemplo, a pronúncia deveria ser feita através de uma voz estridente que lembrava bastante o grasnar de um corvo, revelando aqui a notória conexão da natureza com o deus Odin, visto que o mesmo tem como animais representativos os corvos Hugin e Munin. A palavra e o ser são intrínsecos dentro do universo das formas simbólicas.

3.1 AS DIVINDADES, A LINGUAGEM E O SER

A forma pela qual os deuses se perpetuam é desenvolvida por Cassirer de forma análoga à formação da linguagem. A originariedade de um enredo mitológico, a experiência com o desconhecido são nomeadas a partir dos sentimento mais primitivos do humano em conjunto com suas experiências corriqueiras. A frequência, a intensidade desta experiência na vida do homem, o leva a personificar uma deidade representativa — um símbolo — para este evento que toma destaque

em sua vida. O deus concretiza-se e sua identidade surge, somente então o deus é um ser.

Em concordância com Walter Otto, em sua obra *Teofania*, vemos que “o deus, como quer que seja chamado e como quer que se distinga de seus semelhantes, nunca é uma potência particular, mas todo ser universal na revelação que lhe é própria” (OTTO, 2006, p.37). Assim posto, a personificação do real se dá por meio do pensamento mítico-religioso.

A evocação do deus conforme o seu nome é crucial para a execução das tarefas e ritos corretamente. A adequada execução das orações, cantos e sacrifícios ressalta a minuciosidade da linguagem dentro do universo mitológico. A passagem de um deus momentâneo, que é a divindade em sua primeira concepção para um deus especial, ao ganhar destaque e frequência nas atividades humanas, demonstra como a evolução de um deus acompanha a progressão de seu nome.

A linguagem geral, como no mito, dá-se a partir de uma palavra que necessita de um contexto e desemboca num discurso completo. As deidades são as partes que compõem o “discurso” da mitologia, sendo assim, a mitologia funciona como uma propedêutica ao discurso, ao *logos*. Além de servir de produção de conhecimento, não por serem de fato realidade, mas por permitirem a reflexão e construção de pensamentos críticos que fluem até a edificação do Ser:

Assim concebido, surge como algo essencialmente ideal, como um ‘signo’ ou símbolo, cujo conteúdo não é discernível verdadeiramente em um estar-aí (*Dasein*) substancial próprio, mas, antes, nas relações de pensamento que institui. (CASSIRER, 1992, p.74).

Ernst Cassirer propõe, com toda essa comparação entre linguagem e mito, o método que, para ele, se repete para a constituição simbólica de um conceito sobre o real. A diversidade de “símbolos” permite compreender a existência de vários meios de apreensão do real e com isso a multiplicidade se torna relevante. O singular tomando forma, somente ao detectarmos que ele faz parte de um todo é um

dos modos que o Ser vem à tona. É uma relação móvel e flexível. O particular se caracteriza como existente, no momento em que é constatada dentro de uma simbólica universal, assim:

Neste tipo de contemplação, cada existente é tomado em sua singularidade, mas, também, é concebido como um '*analogon* de tudo o que existe', de modo que o estar-aí (*Dasein*) se nos afigura ao mesmo tempo como separado e vinculado. A forma de intuir não se opõe ao 'deduzir', ambas se interpenetram e fundem. (CASSIRER, 1992, p.47)

Os deuses são peças particulares de um universal, eles só tomam forma quando se movimentam entre o mundo e o homem, quando o que fora experienciado primordialmente ganha relevância, logo, não é mais momentâneo, é constante e presente. Os nomes são particulares ao contexto do mundo da linguagem, quando nomeamos, fazemo-lo no sentido das relações que temos para com a coisa designada, e só neste sentido ela se torna um ser. As relações entre símbolo mítico-religioso e nossa realidade permitem a apreensão de entendimento, ou seja, não são mais somente singulares, mas singulares que compõem uma pluralidade, formando sistemas que geram a significação da realidade. Vemos na obra do neokantiano:

Conforme vimos, o pensamento teórico visa acima de tudo a libertar os conteúdos dados ao nível sensível ou intuitivo do isolamento em que nos apresentam imediatamente. Eleva-os acima de seus estreitos limites, associa-os a outros conteúdos, compara-os entre si, concatenando-os em uma ordem definida e um contexto abrangente. Procede 'discursivamente', na medida em que toma o conteúdo imediato apenas como ponto de partida, desde o qual possa percorrer o todo da percepção em suas múltiplas direções, até, por fim, conseguir compô-lo em uma concepção sintética, em um sistema fechado. (CASSIRER, 1992, p.52)

A denominação precede a designação, no momento em que se obtém a experiência apreende-se uma realidade. Quando nomeamos aquela percepção imediata passa a ser a realidade — uma relação de identidade entre a percepção e a coisa. A sociedade escandinava criava a noção mítica a respeito dos fenômenos

naturais, o frio intenso não mais era apenas um inverno rigoroso era o *Fimbulvetr*, uma personificação deística. Partindo desta diferenciação, que ocorreu após a escolha do nome, ele se tornou parte do mito apocalíptico, constitutivo de uma realidade futura.

3.2 O PROBLEMA DA ILUSÃO CAUSADA PELO MITO

A crítica de Max Müller citada na obra de Cassirer sugere que o mito é apenas fruto de uma confusão feita através da linguagem. Geralmente as fábulas estão enredadas nesta ambiguidade tensional entre a linguagem mítica e a descrição da realidade mesma. Esta crítica serviu de base para os estudos da relação da linguagem e do mito, analisada por Ernst.

No mito nórdico há também essa indagação sobre o modo como a identificação das palavras altera a história do mito e a consequente criação em torno do enredo e da crença; o surgimento da humanidade, para os nórdicos, é repleta de incompreensões a respeito do nome dos primeiros humanos, Ask e Embla. Encontramos, no *Dicionário de Mitologia Nórdica*, a suposição de que Ask signifique freixo e Embla tronco de videira, fazendo uma relação com a Yggdrasil (árvore da vida), porém alguns pesquisadores também associam a semelhança de Embla com o grego *ámpelos*, que significa vinho, conectando-os a ideia dos rituais indo-germânicos relacionados ao fogo e o sexo, e ainda existe a tese de que a verdadeira relação dos nomes é com órgãos sexuais e não árvores. Vemos:

Tudo a que chamamos de mito, é, segundo seu parecer, algo condicionado e mediado pela atividade da linguagem: é, na verdade, o resultado de uma deficiência linguística originária, de uma debilidade inerente à linguagem. Toda designação linguística é essencialmente ambígua e, nesta ambiguidade, nesta 'paronímia' das palavras, está a fonte primeva de todos os mitos. (CASSIRER, 1992, p.18)

Mais profundamente, além da crítica sobre as confusões que geram os mitos, a obra Cassiriana aponta que o julgamento de Max Müller é ainda mais agressivo,

tachando a mitologia como uma ilusão doentia que somente descobrimos quando o real nos liberta do erro. Isso fica evidente, pois:

Para Max Müller, o mundo mítico é essencialmente um mundo de ilusão - e de uma ilusão que só é explicável se se descobre o original e necessário auto-engano do espírito, do qual decorre o erro. Este auto-engano está enraizado na linguagem, que prega sempre peças ao espírito, enredando-o por vezes naquela ambiguidade cambiante de significações que é sua herança. Esta concepção de que o mito não se baseia numa força positiva de configuração e criação, mas antes em um defeito do espírito... (CASSIRER, 1992, p.20)

Partindo da crítica de Müller, Cassirer procura resolver este problema trazendo a simbologia das formas como resolução. Para ele, não se deve tomar literalmente o que é passado pelo mito — visto que a linguagem é metafórica —, mas utilizá-lo como ponto de partida para o estudo da experimentação e desenvolvimento da realidade, pois nenhuma das formas de apreensão, que são o que ele chama de formas simbólicas, conseguem captar de forma precisa o real - o que não significa que elas sejam inúteis.

Não tomar as formas simbólicas como imitações do real ou ilusões que enganam, com efeito, é o primeiro passo para reconhecer o espaço do estudo filosófico a respeito do mito e da linguagem e de todas as outras formas simbólicas. Elas devem ser vistas como partes de um todo que permitem a captação inteligível e desta maneira a realidade é condensada.

No mito, a dinâmica de suas divindades era a realidade. A relação dos homens para com sua mitologia dava significado a todas as coisas. Baseada em fábulas, a construção cultural escandinava era a ponte para a realidade que eles estavam descobrindo e definindo. Fazendo alusão à revolução copernicana de Kant, Cassirer diz que: "...não se trata daquilo que aqui é entrevisto, mas da própria direção original da vista." (CASSIRER, 1992, p.25). O estudo a respeito da linguagem e do mito está envolto nessa troca de informações, na ação, no movimento da percepção e não no que é percebido propriamente.

Regredindo ao surgimento da ideia mítico-religiosa, Cassirer pretende aplicar o uso da filosofia das formas simbólicas à investigação da constituição do conhecimento, a partir das mais diversas formas de apreensão. Como proposta resolução, temos a exemplificação de que toda a forma de percepção trabalha a fim de unir as visões particulares a um conceito geral — uma unidade plural.

O homem anseia constantemente por esclarecimento, busca montar uma imagem coerente dos fenômenos que lhe são apresentados. A maneira que isso ocorre através das formas simbólicas é compreendendo que os singulares fazem parte de um todo, sendo unificados em um conceito. O mito nórdico traz muitas alusões à multiplicidade e à universalidade em seus conceitos sobre a natureza. A Yggdrasil é especulada como a representação viking da Via Láctea, a contemplação celeste gerou a ideia de uma grande árvore, onde se distinguiam 9 reinos que compunham toda a formação divina e humana. Os reinos e cada componente deles são parte de um todo, da formação de todo o cosmo.

A composição do discurso, que finda na universalidade e na significação de todas as coisas, não se dá na experiência imediata, mas ela tem sua gênese neste momento. O desenrolar da construção de toda a síntese, se dá na progressão de toda atividade, intuições e percepções humanas. O mito é um tipo de construção sintética, pois é apreensão da realidade através do imaginário:

Tal síntese não pode realizar-se imediatamente ou de golpe, mas precisa ser elaborada aos poucos, pela atividade progressiva que relaciona as intuições isoladas ou as percepções sensíveis particulares, reunindo depois o todo resultante em um complexo relativamente maior, até conseguir, enfim, que a unificação final de todos estes complexos separados produza a imagem coerente da totalidade dos fenômenos [...] A propensão para esta totalidade é o princípio vivificante em nossa conceituação teórica e empírica. Daí resulta que esta última seja necessariamente 'discursiva'; isto é, que parta de um caso singular mas, ao invés de se demorar na sua contemplação ou de nele mergulhar, simplesmente o considere como ponto de partida, percorrendo então a gama toda do Ser, nas direções especiais já determinadas e fixadas pelo conceito empírico. (CASSIRER, 1992, p.44)

O conceito kantiano de "Natureza" é assim abordado por Cassirer porque este apoia a descrição feita por Kant do modo como o fenômeno se manifesta,

consolidando um ser. Assim, “Natureza”, para Kant, é a existência da coisa, na medida em que é determinada por leis gerais. A heterogeneidade das coisas só é percebida no momento que existe uma homogeneidade. A existência do particular depende da concepção do todo.

4. A METÁFORA DAS PARTES DE UM TODO APLICADA AO MITO NÓRDICO E REFLETIDA NA REALIDADE

A consolidação da realidade é a foz de inúmeras vertentes que, segundo Cassirer, se apresentam da mesma maneira. São fragmentos de uma cadeia de acontecimentos e eventos. Ele trata como uma espécie de poderio mágico que emerge no momento em que existe uma conexão, mesmo que simples ou fraca, das singularidades com o todo, dentro da forma simbólica:

Aqui rege uma lei que se poderia chamar lei da nivelação e extinção das diferenças específicas, pois cada parte do todo se apresenta como este mesmo todo, cada exemplar de uma espécie ou gênero parece equivaler à espécie toda ou ao gênero todo. A parte não representa meramente o todo, nem o indivíduo ou a espécie representam o gênero, mas são ambas as coisas; não só implicam este duplo aspecto para a reflexão mediata, como compreendem a força imediata do todo, sua significação e sua eficácia. (CASSIRER, 1992, p.109)

Uma conexão que é pura simbiose, onde conseguimos identificar e significar as peças e trazer coerência para o sistema *in toto*. O que constitui o todo são as partes, sendo assim, as partes só possuem significado dentro do todo, que confere unidade às partes singulares:

Aqui vem forçosamente à lembrança aquele princípio que se pode designar como o verdadeiro princípio básico, quer da “metáfora” linguística quer da mítica, e que é expresso pelo axioma *pars pro toto*. (CASSIRER, 1992, p.109)

Curiosamente, em seu estudo sobre linguagem e mito, Cassirer utiliza o termo *metáfora*⁵, pois é uma forma linguística mais usual da utilização das formas simbólicas. Elas são “métodos” de entendimento, modelos que cooperam para a formalização do real.

⁵ Ainda mais peculiar o fato de “metáfora” ser uma figura de linguagem que usa uma coisa para designar outra, assim como Cassirer diz que a linguagem age na estrutura mitológica. Os nomes surgem através das sensações e constituem personalidades divinas, que adentram o mundo humano para designar variadas atividades e coisas mas não perdem sua essência primeira, não deixam de ser deuses.

As formas mágicas são citadas na obra cassiriana como uma analogia, porém na mitologia elas adquirem identidade real. Os animais não são mais apenas animais, os ritos significam mais que só ritos, todas as atividades e componentes corriqueiros se transmutam em símbolo transcendente, a partir da unidade das pluralidades:

A mesma relação que existe entre o todo e as partes verifica-se também entre o gênero e as suas espécies, e a espécie e cada um dos seus exemplares. Aqui também confluem inteiramente as linhas demarcatórias: a espécie ou o gênero não apenas são representados pelo indivíduo, como ainda existem e vivem nele. (CASSIRER, 1992, p.110)

A águia, na mitologia nórdica, compartilha diversas crenças que exemplificam, didaticamente, como a “analogia mágica” funciona, ela representa a nobreza, o próprio Odin já utilizou a forma da águia para conseguir fugir do gigante Suttungr, ela é a esfera celeste geralmente está relacionada a Asgard, a morada dos deuses. A “analogia mágica” é a descrição de como atua a essência espiritual do mito, como afirma Otto: “para dizê-lo de uma vez, dá-se que o mito autêntico está sempre cheio de espírito, isto é, não surge de nenhum sono da alma, mas sim do olho espiritual aberto ao ser das coisas.” (OTTO, 2006, p.36)

A linguagem, com efeito, faz parte da construção deste espírito mítico, a partir do momento que retrocedemos ao início do surgimento das divindades, partilhamos do entendimento da conexão dos nomes e designações afastando-nos da heterogeneidade, compreendendo que as peças designadas rumam a completude. A identificação dos termos através da linguagem permite a investigação da analogia entre elas, ajudando a formalizar uma personificação a respeito desse enunciado, a qual é essencial para o mito-religioso, pois:

Em virtude do princípio da “equivalência”, os conteúdos, que nos afiguram como altamente diversificados, seja do ponto de vista da percepção sensorial imediata, seja do ponto de vista de nossa classificação lógica, podem ser

tratados como iguais na linguagem, de maneira que todo enunciado a respeito de um deles possa estender-se e transferir-se ao outro. (CASSIRER, 1992, p.113)

Assumindo que as bases do conhecimento humano cuja origem advém de suas crenças, geram mitos e constituem o fundo da linguagem que nomeia tudo. Cassirer ressalta que a linguagem, a constante evolução do discurso, é uma fonte de fertilidade para a *metáfora mítica*. Percebemos na mitologia escandinava uma tradição discursiva fabulosa, poemas, canções que penetravam a sociedade em toda a sua estrutura, proporcionando a personificação do espírito mítico — conferindo nomes próprios aos acontecimentos fenomênicos da natureza . Os poetas, que eram conhecidos como escaldos, tinham a função de escrever e entoar os poemas, necessitando de uma grande perícia na linguagem e no saber mitológico para passarem adiante o que para os escandinavos era o conhecimento da realidade mesma:

A técnica escáldica era transmitida das gerações mais avançadas para as mais novas, por meio oral e individualizado. Um escaldo necessitava de excelente memória, grande conhecimento em mitologia e cosmogonia nórdicas, linguagem refinada e uma oratória sofisticada. Alguns escaldos também eram mestres das runas, dedicando-e tanto ao aprendizado do alfabeto *Futhark*, sendo talhadores de sinais pétreos, quanto à magia rúnica. (LANGER, 2015, p.166)

A correlação entre a mitologia e a natureza é um grande referencial para a metáfora cassiriana a respeito da unidade plural das partes com o todo. O *kósmos*, para os nórdicos, era um ciclo de trocas, que se iniciava com suas divindades e se expandia até mesmo em suas ervas. A flexibilidade, que Cassirer defende existir entre o mito e a linguagem, é percebida desta mesma maneira, uma troca constante entre as partes que resulta numa síntese geral que produz conhecimento:

Deste modo, o mito recebe da linguagem, sempre de novo, vivificação e enriquecimento interior, tal como, reciprocamente, a linguagem os recebe do mito. Nesta constante cooperação e interação, evidencia-se, ao mesmo tempo, a unidade do princípio espiritual, do qual ambos procedem e do qual

constituem simplesmente exteriorizações diversas, graus e manifestações diferentes. (CASSIRER, 1992, p.114)

O enredo mítico viking abrigou forte ligação com a natureza, as impressões sensoriais que elaboraram todo o ideal religioso escandinavo são oriundas do que viam ao seu redor. A espiritualidade para eles era um aspecto essencial à vida humana e formação social. A astrologia escandinava foi desenvolvida com base na identificação de deuses correspondentes às constelações. Sua visão de mundo se identificava com os âmbitos espiritual e divino, pois:

Uma religiosidade profundamente inserida na paisagem natural, desde os primórdios essa relação com a natureza foi típica da sociedade nórdica. A própria ideia da árvore cósmica, Yggdrasill, mostra como um elemento da natureza campestre podia tornar-se preponderante na visão de mundo. Florestas, cachoeiras, colinas, pedras, bosques e árvores possuíam forte atratividade para os escandinavos, além de remotas representações rupestres de astros como o Sol e a Lua. (LANGER, 2015, p.168)

Com o progresso do espírito, a linguagem mítica enfraquece. Embora o mito não se afaste necessariamente do universo mágico, partilha do mesmo espírito formador de conteúdo. Assim, a evolução espiritual das partes que o compõe, aproxima-o do conceito, do *logos*. Essas singularidades, apesar de serem manifestações diferentes da mesma “metáfora” formadora da realidade, compõem uma unidade centrada no conceito.

A palavra, que já situamos aqui como ponto de partida para a linguagem e o mito, se torna imortal ao se converter em expressão artística. Está compondo uma síntese, criando forma e essência no contexto humano. Na cultura escandinava, é exatamente isso que ocorre, seus ritos são a conversão de tudo o que é conhecido em arte e em ação, tanto na prática ritualística quanto nas situações sociais da tribo.

Para Cassirer, a poesia lírica é o tipo de arte que mais reflete o ideal do que a palavra que se torna um manifestar artístico, a partir dessa constatação começa a partilhar da realidade, pois ela é a perfeita união entre a linguagem e o universo mítico-mágico.

4.1 AS MANIFESTAÇÕES DO REAL ATRAVÉS DA PALAVRA E IMAGEM MÍTICAS

Os poemas éddicos mitológicos são a manifestação do mito nórdico, elas estão explicitamente partilhando da plenitude da vida relatada por Cassirer. A canção de Prym é um manuscrito encontrado no *Codex Regius*. Uma narrativa que conta o roubo do martelo de Thor pelo gigante Prymr, porém uma interpretação encontrada no *Dicionário de Mitologia Nórdica* aponta que o roubo do martelo faz alusão à desordem na harmonia natural ao caos que é relacionado a gigantes na mitologia nórdica. Por vezes os poemas éddicos partilham um ideal de constante equilíbrio e desequilíbrio no cosmo que é comum num ciclo cosmológico. Os deuses trazem a ordem que os gigantes corrompem, por isso:

Esta ambiguidade acerca dos deuses e entidades sobrenaturais era típica da religiosidade escandinava, refletindo sua concepção realista, pragmática e voltada a valores de ação mas que sempre buscavam um equilíbrio e sua manutenção ritual ou simbólica. Contudo, não importando quais entidades seriam as causadoras do caos ou da ordem, sempre temos nos relatos míticos uma nítida oposição estrutural entre estas. (LANGER, 2015, p.508)

No instante em que o homem adentra neste mundo poético, o que era intuição pura, apenas sensação, é construída uma expressão que representa a concretização da atualidade. A palavra e a imagem míticas, segundo Ernst Cassirer, tomam posse de toda a realidade, pois no momento em que a expressão é formada, no caso fora exemplificada através da poesia, abandona-se qualquer preconceito e ilusão que a linguagem e o mito poderiam trazer e utilizando a metáfora das partes de um todo, a palavra e a imagem míticas são vistas como aspectos basilares da formulação da revelação do Ser:

O mundo da poesia separa-se de ambos os domínios, como um mundo da ilusão e jogo, mas precisamente nesta ilusão é que o universo do puro sentimento atinge a expressão e, assim, a sua plena e concreta atualidade. (CASSIRER, 1992, p.116)

A imaginação produz uma espécie de ponte entre o fenômeno e o homem, possibilitando assim a reprodução e o acesso ao entendimento intuitivo, a produzir os mitos, o fenômeno que fora tocado através do sensível. Esse trabalho da imaginação permite uma reprodução da relação com o objeto através do sensível, após a designação feita por meio da linguagem, assim sendo possível que o homem produza conhecimento.

A imagem mítica de um deus é o resultado de um esforço intelectual grandioso. O ato de apreender a partir de uma sensação a existência de algo superior, que participa de uma dimensão transcendental e que se conecta ao homem através do espírito. Outrossim, compreender como fazemos parte deste plano transcendental a ponto de conseguirmos nomear os atos que nos relacionam com o divino é, com efeito, uma exemplificação bastante consistente da metáfora das partes inseridas numa unidade simbólica:

“Assim, o pensamento desses homens primitivos teria descoberto um princípio explicativo aplicável não só à vida de animais e plantas como também a coisas e fenômenos esquisitos e assombrosos de todo tipo: todos comportariam em si uma alma ou espírito, sendo, portanto, no fundo dotados de personalidade e semelhantes ao homem, embora muito superiores.” (OTTO, 2006, p.29)

Através da metáfora das partes de um todo que é unificado no conceito, o espírito, no homem, é a parte conectora humana com o divino. Para os nórdicos, os deuses eram partes do universo, assim como os humanos e a relação deles para com os deuses demonstrava isso. Eles se sentiam muito próximos dos deuses mesmo compreendendo a superioridade deles:

“ Em certo sentido, o contrato era a noção essencial neste universo mental. Quando necessitava, ele invocava o seu deus particular sob a forma de petição (*bidja*) e não de reza: “se eu te ofereço isso ou aquilo, tu me darás ou me concederás algo em troca”. (LANGER, 2015, p.358)

O universo mítico produz a imagem do que foi sentido no momento da percepção do homem quando defrontado com o mundo. A linguagem consegue definir os sentimentos mais íntimos do homem e da comunidade, assim possibilitando a reprodução daquele momento perceptivo. É uma união perfeita e

necessária dos componentes formadores da visão de mundo do homem, como aponta o neokantiano: “Acreditava-se que a homonímia ou a assonância da denotação verbal abria e orientava o caminho para a fantasia mítica.” (CASSIRER, 1992, p.103)

Para Walter F. Otto, estamos acostumados a compreender o mito como uma história que, de início, é uma ilusão da mente humana em busca de sentido e significado, mas que, se adentrarmos a outros tipos de interpretações, encontraremos sentido no relato. Porém, é importante lembrar que o *mythós* quer dizer *palavra*, e não no sentido de um conto do passado, mas a palavra que fala do real. Trazendo reforço à ideia de unidade entre linguagem e mito.

A revelação divina é observada por Otto como a formalização do mito em figura, pois, para ele, o mito é uma espécie de potência poderosa que por ser dinâmico pertence ao domínio do ser diverso de tudo. O rito vem representado na obra de Otto, curiosamente, como parte essencial do mito, mas ele vai além ao propor que descrito que o rito é o próprio mito. Fazemos alusão à metáfora das partes de um todo, em que o rito é, com efeito, o próprio mito, sendo inconcebível um sem o outro, por acaba perdendo seu posto de coisa designada:

Era já impossível volver à concepção anterior do rito como uma mera representação do mito. Pois, como nos mostram os procedimentos rituais ainda hoje preservados, o rito não é de modo algum uma mera imagem do acontecer mítico, mas sim este mesmo acontecer, no sentido pleno do termo. Se assim não fosse, dificilmente se poderia esperar dele efeitos salutares. O erro reside na colocação do problema, na pergunta pela relação de dependência. Rito autêntico sem mito não existe, assim como não há mito autêntico sem rito. No fundo, os dois são a mesma coisa. (OTTO, 2006, p.42).

O rito é uma formalização do mito, é uma manifestação do divino através da ação humana. As danças, as vestimentas, os sacrifícios são as peças do todo mitológico, as quais são formadoras do universo mitológico. O rito é evolutivo, diversificado, rico em mobilidade temporal e espacial, assim como o mito e como qualquer uma das formas simbólicas já citadas neste trabalho.

Contudo, durante as diversas épocas o rito sofre variações, em conformidade com suas execuções no tempo e no espaço, variações pautadas nas modificações das compreensões cósmicas e sociais que eram a base da composição dos atos e objetos que estabeleciam o contato dessas comunidades com a esfera do sagrado. (LANGER, 2015, p.408)

O manifestar mítico na vida humana é a evolução máxima do espírito. Quando utilizadas como substância, as formas simbólicas cumprem seu papel de parte de um todo e consequentemente ganhando significação. O todo é a realidade que surge quando o manifestar humano aparece, toda a formação social e cósmica, é o universo em sua amplitude máxima. Só é possível a compreensão da realidade com a percepção treinada sobre a diversidade:

Este saber de uma plethora de deuses que não apenas vive no universo, é o universo, nada tem a ver com o panteísmo. Seria o caso de dizer: tudo que é essencial e verdadeiro manifesta uma forma divina. Porém mais certo seria o contrário: são as formas divinas que tornam manifesto tudo quanto há de essencial e verdadeiro. (OTTO, 2006, p.112)

Portanto, inúmeras são as partes que constituem o todo, tudo aquilo que existe é rico em pluralidade e por isso o equilíbrio cósmico existe, pois ele está em constante movimentação abarcando as interações entre todas as partes que o compõem, pois as relações do homem e dos seres mitológicos possuem uma similitude com o real, aprimoradas através dos ritos que encaminham o homem ao transcendente.

CONCLUSÃO

A construção deste trabalho surgiu com a percepção de como o homem se sente mais confortável ao atribuir a sua realidade ao *divino*. A partir disso, procurando meios de unir a compreensão filosófica cultural e a antropologia religiosa, Ernst Cassirer e Johnni Langer serviram de base para estruturar a formalização deste pensamento a respeito da construção do Ser e da realidade.

O estudo das formas simbólicas através da pesquisa da obra *Linguagem e Mito*, trouxe esclarecimento a respeito da multiplicidade das maneiras de se alcançar conhecimento. A compreensão dessa diversidade compositora de uma síntese complexa que é o real, proporcionou a visualização do método formador do conhecimento.

O tratamento das formas simbólicas como ponto de partida para a construção da identidade do Ser, entendendo-as como “órgãos” de um sistema dependente de todas as suas partes, possibilitando uma constante troca de informações que traz significado para os particulares e o universal, que é a síntese das partes, desemboca na constituição da realidade específica observada a partir da forma simbólica.

No caso deste trabalho compreendemos que o mito, exemplificado através da sociedade escandinava, é uma espécie de síntese exclusiva da realidade. Por se encaixar no modelo das formas simbólicas, o mito nórdico serve de pesquisa para apreender uma visão de mundo consolidada — a realidade através das relações humanas para com o mundo e o universo fantástico.

É do interesse filosófico a formação do pensar, a constituição do Ser e a compreensão da realidade. Todas as formas de pesquisa, crítica e aprendizado são relevantes para o entendimento de como se formaliza a função do homem no cosmos. As atividades espirituais humanas são pistas dessa relação, promulgadas por um espírito que partilha todos os seres, pois estes compõem todo o cosmos através da unidade dos singulares, a unidade plural. Portanto, o mito Nórdico e a

Construção do Real, segundo Ernst Cassirer, são a demonstração de um destes singulares em ação na representação da consolidação da realidade a partir de uma forma simbólica — mítico-religiosa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bíblia Sagrada Online. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/ara/gn/2>>
Acesso em 10 de fev. 2020.

CASSIRER, Ernst. **Linguagem e Mito.** 3ª Ed.Trad.J. Guinsburg e Míriam Schnaider-man. São Paulo: PERSPECTIVA, 1992.

LANGER, Johnni. **Dicionário de Mitologia Nórdica - Símbolos, mitos e ritos.** 1ª Ed. São Paulo: HEDRA, 2015.

MIRANDA, Pablo Gomes de. **Voluspá, a profecia da vidente: notas e tradução -**
Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/scandia/article/view/41136>>
Acesso em 16 de mar. 2020.

OTTO, Walter F. **Teofania.** 1ª Ed. São Paulo: ODYSSEUS, 2006.

PLATÃO. **Timeu - Crítias - O Segundo Alcebiades - Hípias Menor.** 1ª Ed. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2001.